



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
MODALIDADE À DISTÂNCIA**

MARIA SONHA CHAGAS CAMPOS

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL: uma reflexão necessária para professores e alunos**

ITAPORANGA – PB

2016

MARIA SONHA CHAGAS CAMPOS

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO

FUNDAMENTAL: uma reflexão necessária para professores e alunos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Modalidade à Distância, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Joseane Abílio de Sousa Ferreira

**ITAPORANGA – PB
2016**

C198a Campos, Maria Sonha Chagas.

Avaliação da aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental: uma reflexão necessária para professores e alunos / Maria Sonha Chagas Campos.– Itaporanga: UFPB, 2016. 42f.

Orientadora: Joseane Abílio de Sousa Ferreira
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia – modalidade à distância) – UFPB/CE

1. Avaliação escolar. 2. Aprendizagem. 3. Ensino fundamental.
I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 37.091.26(043.2)

MARIA SONHA CHAGAS CAMPOS

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL: uma reflexão necessária para professores e alunos**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em
Pedagogia na Modalidade a Distância, do Centro
de Educação da Universidade Federal da Paraíba,
como requisito institucional para obtenção do título
de Licenciado em Pedagogia.

Aprovado em: _16___/_11___/2016

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a Joseane Abílio de Sousa Ferreira
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Prof. Dr. Israel Soares de Sousa
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Prof^a Ms. Ingrid Karla Cruz Biserra
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

**ITAPORANGA-PB
2016**

DEDICATÓRIA

A Deus.

Aos meus filhos Isaías e Isaianny, meu esposo Francisco, minha nora Jéssica, e demais pessoas que amo muito e sempre me apoiaram com todo amor e carinho.

Ao meu pai (*in memoriam*)

Minha mãe pelo apoio e incentivo.

Aos demais amigos e colegas que contribuíram para realização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me iluminou com sabedoria para que eu realizasse este sonho tão esperado.

As minhas tutoras presenciais Ana Lúcia e Leidinha que tanto me apoiaram dando força e incentivo durante a realização.

Aos meus amigos Socorro Frutuoso, Socorro, Vanderly, Terezinha, Jéssica, Mirela, Alex que me ajudaram durante essa caminhada.

A minha orientadora Joseane Abílio de Sousa Ferreira que contribui na minha caminhada.

A secretaria de educação Marileide Juvito pela sua compreensão.

Aos colegas de trabalho e do curso pela colaboração e compreensão.

Enfim a todos, que contribuíram para realização simples deste trabalho.

“Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar.”

(Paulo Freire)

RESUMO

Este trabalho monográfico tem por objetivo discutir sobre alguns aspectos da avaliação da aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental enfatiza a avaliação nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Para realização, buscou-se desenvolver uma pesquisa bibliográfica sobre a opinião de diferentes autores, a saber: Freire (1977); Freitas (2002); Hoffmann (1998; 2014); Luckesi (2003); Perrenoud (1999); Romão (1998); Soares (1981); Vasconcellos (2002), entre outros, que trabalham à avaliação e sua presença na prática do cotidiano da escola. A avaliação é entendida pela maioria dos alunos, inclusive por professores, como a aplicação de prova e exame. Compreendida dessa forma, se mostra extremamente contraditória com os objetivos e fins da educação nos avanços que hoje se apresentam. Ela é um processo necessário, porém sua finalidade não pode ser traduzida em notas, conceitos ou menções. Muitos educadores se detêm a formas tradicionais que na maioria das vezes inibem o aluno e o avaliam apenas no momento presente. Nesse caso ocorre ao julgamento sobre sucessos ou fracassos do aluno, mediante notas ou conceitos. A avaliação é um processo contínuo, visando à correção das possíveis. É um processo do ensino e da aprendizagem. O estudo consegue chamar a atenção para a avaliação como ponto crucial para a aprendizagem, e como um ponto de equilíbrio tanto para o educador quanto para o educando, uma vez que esta relação é de suma importância para uma educação de qualidade.

Palavras-chave: Avaliação. Aprendizagem. Aluno. Professor.

ABSTRACT

This monograph emphasizes the assessment in the first grades of elementary school. For implementation, we sought to develop a literature on the opinion of various authors regarding the evaluation and yours, It involved interviews and questionnaires with development of some teachers and students of that school in order to develop the capacity and skills in the activities presented and verify the knowledge assimilated the learning of students. The assessment is understood by most students, including teachers, as the application of evidence and examination. This proves extremely inconsistent with the functions of the school. It is a necessary process but its purpose cannot be translated only in notes, concepts or terms. Many educators hold the traditional forms that mostly inhibit the student and evaluate only the present moment, in this case comes to trial on the success or failure of the student, through notes or concepts. Evaluation is an ongoing process in order to correct the possible distortions and the routing of the set. It is a process that leads to trial because it leads to learning. It is hoped to achieve through this study that caters for evaluation as a crucial point in learning, it becomes a balance for both the educator and for the student, since this relationship is very important for an education quality.

Keywords: Evaluation. Learning. Student. Teacher.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
CAPÍTULO I: UMA REFLEXÃO SOBRE AVALIAÇÃO NOS ANOS INICIAIS	11
1.1 Perspectiva conceitual: o que entendemos por avaliação?.....	11
1.2 Pedagogia do exame e o erro como fonte de castigo.....	13
1.3 Significados da avaliação para professores, alunos e sociedade.....	19
CAPÍTULO II: AVALIAÇÃO E SIGNIFICADOS.....	21
2.1 Tipos de avaliação: diagnóstica, somativa e formativa.....	21
2.2 Instrumentos de avaliação.....	23
2.3 Avaliação e Sociedade.....	27
CAPÍTULO III - AVALIAÇÃO COMO INSTRUMENTOS DE INCLUSÃO	29
SOCIAL E DE SOCIALIZAÇÃO	
3.1 Os avanços da avaliação na atualidade.....	29
3.2. Avaliação como Instrumento de Socialização.....	30
3.3 Os avanços da avaliação no século XXI.....	32
METODOLOGIA.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS.....	39

INTRODUÇÃO

A prática avaliativa é um processo, assim entendida a partir de diversas maneiras para desenvolvê-la. São uma realidade ligada diretamente ao processo de ensino aprendizagem que está intimamente atrelada as discussões do campo educacional.

Para autores, como: Freire (1977); Freitas (2002); Hoffmann (1998; 2014); Luckesi (2003); Perrenoud (1999); Romão (1998); Soares (1981); Vasconcellos (2002), a avaliação não é isolada do processo ensino-aprendizagem. Reflete a unidade objetivo- conteúdos- métodos: a avaliação é parte integrante do processo, não é uma etapa isolada; ajuda a desenvolver as capacidades e as habilidades; todas as atividades concorrem para o desenvolvimento intelectual, social e moral dos alunos; possibilita a revisão do plano de ensino: levantamento das condições prévias dos alunos para iniciar nova matéria; volta-se para a atividade dos alunos; é, o mais possível, objetiva e capaz de comprovar os conhecimentos assimilados; ajuda na auto percepção do professor: é um termômetro para o professor.

Esse estudo tentará definir uma linha de um posicionamento acerca da avaliação, especificamente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, em que nos dois primeiros anos não há retenção de alunos e mesmo assim o processo avaliativo se configura. Entre estudiosos do tema, se perceberá uma interminável discussão, seja pelo monopólio da verdade, seja pela tentativa da precisão do conceito, o que fez surgir consequentemente uma variação conceitual muito grande.

A avaliação não é o fim, mas um meio pelo qual é possível perceber os avanços da aprendizagem, em que o professor passa a ter uma informação dos assuntos aprendidos pelos alunos, bem como saber se o que foi ensinado está sendo desenvolvido e manifestado na vida do alunado, e ele passa a adotar medidas para melhor desenvolver suas habilidades profissionais e docentes nesse processo a partir do que se encontra no aluno. Avaliar não é apenas fazer os exercícios de classe, como provas, questionários, outras atividades “decorebas”, nem também fazer um sistema classificatório, mas significa acompanhar o aluno no seu desempenho desse processo ensino-aprendizagem. E isso é muito mais perceptível nas séries iniciais.

É uma oportunidade de correção de falhas, a cada aula, a cada dia, na direção da aprendizagem e do desempenho do aluno. É o diagnóstico do que se passa dentro da sala de aula em todos os aspectos. Não é só prova ou coisa parecida, é um encaminhamento de situações em que é possível ver em que situação o aluno precisa melhorar, onde está tendo

mais dificuldade e o que poderá ser feito para resolver as suas dificuldades. A avaliação é uma ajuda para a aprendizagem e não a aprendizagem.

Por muito tempo, a partir de algumas leituras feitas, de experiências e contatos com escola, professores e alunos, e também por observar os avanços dados pelos autores já mencionados, principalmente na percepção que a avaliação é um processo contínuo, percebi que se fazia necessário fazer um estudo sobre o tema “Avaliação”, principalmente nos anos iniciais, pela oportunidade da sua importância no processo ensino aprendizagem, por isso esse meu interesse na realização dessa atividade que propiciou essa monografia.

O presente trabalho, portanto, contemplará algumas possibilidades teóricas direcionadas ao estudo do fenômeno da avaliação e seu desenvolvimento, de modo interdisciplinar e necessário para iniciar esse marco teórico que volta um olhar mais dinâmico sobre o tema, nessa fase de aprendizagem.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

CAPÍTULO I: UMA REFLEXÃO SOBRE AVALIAÇÃO NOS ANOS INICIAIS

1.1 Perspectiva conceitual: o que entendemos por avaliação?

A palavra avaliação se originou do latim *valere*, que significa atribuir valor e mérito ao objetivo em estudo. Isto é, avaliar é atribuir juízos de valores apropriados à obtenção de qualidade do seu resultado.

A avaliação é um processo contínuo, que visa à correção das possíveis distorções. Não se trata de excluir, é um processo que leva à aprendizagem.

Para Vasconcellos (1999, p. 30):

A avaliação não é uma falsa aparência de neutralidade e de objetividade, é um instrumento por excelência de que lança mão do sistema de ensino para o controle das oportunidades educacionais e para a dissimulação das desigualdades sociais que ele oculta sob a fantasia do dom natural e do mérito individualmente conquistado.

Como outros elementos do processo ensino aprendizagem, a avaliação é importante para esse processo, pois é uma possibilidade de diagnosticar a realidade não só da aprendizagem do aluno, mas do ensino do professor e de toda a vida escolar. Isso quando se tratar do espaço da sala de aula. Em se tratando de toda a escola, nesse caso em observância ao Projeto Político Pedagógico, a avaliação abrangerá outros elementos, tais como participação dos pais, gestores e comunidade na vida da escola. Talvez, em virtude disso, ela esteja se tornando ainda um tema de debates com consequentes reformulações na prática escolar.

Ainda de acordo com Vasconcellos (2000, p. 44), a avaliação deve ser um processo abrangente da existência humana, que implica uma reflexão crítica sobre a prática no sentido de captar seus avanços, suas resistências, suas dificuldades e possibilita uma tomada de decisão sobre as atividades didáticas seguintes.

Ainda de acordo com o referido autor, a avaliação deve acompanhar a pessoa em seu processo de crescimento e ser encarada com um instrumento facilitador de tal processo, e não inibidor do mesmo marcando as pessoas de forma negativa pelo resto de suas vidas. Ela deveria possibilitar nosso crescimento, porque aponta limites da ação e provoca a descoberta de novos posicionamentos.

A avaliação significa de uma maneira geral a participação de alunos e professores num processo de aprendizagem contínua, em que o aluno é avaliado e também o professor, de modo que todos crescem no conhecimento e nas suas descobertas profissionais e pessoais pelo qual todos os participantes do projeto pedagógico tomam consciência de suas atividades, suas diferenças, responsabilidades e avanços, na busca da autonomia necessária para compreender o mundo no qual vivemos.

É preciso estudar a avaliação sempre no processo de transformação, onde as mudanças se concretizam no movimento, na ação e na prática social, dentro das perspectivas concretas e objetivas nas estruturas determinadas historicamente.

Partindo deste ponto de vista a organização pedagógica do professor acontece de acordo com suas concepções. Sendo assim, os resultados adquiridos dependem do modelo de educação do professor. Sendo assim, ela é um entre muitos outros aspectos da escola, mas tem uma atenção muito especial por causa do seu papel envolvente e questionador, também reflexivo. Por isso, ela vem sendo um objeto de muito estudo.

Os professores são envolvidos nesse processo, os alunos muito mais, pois estão cada dia ligados por esse elemento de investigação.

A avaliação pode contribuir nas tomadas de decisões que os sujeitos envolvidos nos processos ensino aprendizagem tomam em suas relações. É um meio pelo qual a escola busca alcançar seus objetivos. A avaliação é a direção que a escola deve seguir para possibilitar a tomada de decisão e a melhoria da qualidade de ensino, indicando as ações em desenvolvimento e a necessidade de regulamentações constantes, representando a verificação do aprendizado do aluno e ao mesmo tempo fornecendo subsídios ao trabalho dos profissionais da educação.

Ela é como uma ponte em que todos que desejam atravessar precisam entender seus perigos e sustentações para poder prosseguir. Essa meta de se direcionar envolve os atravessadores da ponte, pois se a ponte cair, todos cairão. Daí a sua importância.

Pode também dar algumas dicas sobre o melhoramento da escola e de todos os que participam dela e ajudar aos educando e educadores a solucionarem suas dificuldades.

Por isso que a participação da avaliação precisa se preocupar com tudo que pode significar julgamento ou exclusão, pois a finalidade da avaliação é mais que isso, é intensificar a aprendizagem.

Só em pensar em avaliar já deve haver planejamento, método e conhecimento sobre o assunto que se quer avaliar e aonde se quer chegar com a avaliação. Não avaliar pessoas para deixá-las para trás, mas adiantá-la em sua vida educacional.

É mais que medir condutas, é medir o quanto está havendo mudança na vida dos participantes da escola em todos os seus aspectos.

É fazer diagnosticar, nesse sentido, significa não acusar nem tampouco, mas dar oportunidade de refazer e observar se as técnicas e os objetivos foram alcançados como planejados ou se ainda precisam melhorar. Na relação entre professor e aluno, isso ocorre pela capacidade e responsabilidade que o professor tem de constatar sobre a caminhada educacional do seu aluno naquele ano/série. E o aluno perceberá como está se desenvolvendo e em que etapa está e o que precisa fazer ou melhorar para alcançar os objetivos traçados. Não se trata de eliminar, mas de diagnosticar as dificuldades em buscas de solucioná-las.

Conforme aborda os Parâmetros Curriculares Nacionais:

[...] A avaliação inicial serve para o professor obter informações necessárias para propor atividades e gerar novos conhecimentos, assim como para o aluno tomar consciência do que já sabe e do que ainda pode aprender sobre um determinado conjunto de conteúdos. BRASIL (1996, p.82)

A avaliação tem também essa característica: gerar novos conhecimentos. Quando se avalia, dá-se a possibilidade de prosseguir em busca de novos conhecimentos. Um professor não pode adiantar nos conteúdos em perceber a progressão e crescimento do aluno. Essa é a uma preocupação presente nos PCNs. Só adianta prosseguir com uma base bem definida. Por isso a importância da avaliação.

A função de diagnosticar o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem constantemente possibilita ajuste nas propostas que estão em curso e contribui efetivamente para o sucesso dos resultados.

Tal diagnóstico ver a situação do aluno e proporciona condições para seu crescimento

1. 2 Pedagogia do exame e o erro como fonte de castigo

Luckesi (2003, p. 176):

No que se refere às funções da avaliação da aprendizagem, importa ter presente que ela permite o julgamento e a consequente classificação, mas essa não é a sua função constitutiva. É importante estar atento à sua função constitutiva. É importante estar atento à sua função ontológica (constitutiva), que é o diagnóstico, e, pro isso mesmo, a avaliação cria base para a tomada de decisão, que é o meio de encaminhar os atos subsequentes, na perspectiva de busca de maior satisfatoriedade nos resultados.

O autor frisa muito bem a importância *constitutiva* e diagnóstica da avaliação, meio pelo qual se é possível chegar ao conhecimento e não o fim desse processo ensino aprendizagem.

A avaliação pode ser diagnóstica, formativa e somativa. Sobre a avaliação diagnóstica, ela se preocupa com a inferência e o que já existe previamente na vida educacional do aluno. Ela é importante porque busca já de início descobrir as causas e consequências do que é possível acontecer no período letivo e também sobre os saberes tanto do professor como do aluno em todas as diversidades do processo ensino-aprendizagem. Dado à variedade de saberes, o professor deve observar o que o aluno já conhece e a finalidade dos requisitos necessários de conhecimento ou das habilidades que o aluno tem na busca do conhecimento.

Luckesi (2003, p. 82) diz:

Para que a avaliação diagnostica seja possível, é preciso compreendê-la e realizá-la comprometida com uma concepção pedagógica, no caso, consideramos que ela deva estar comprometida com uma proposta pedagógica histórico-crítica, uma vez que esta concepção está preocupada com a perspectiva de que o educando deverá apropriar-se criticamente de conhecimentos e habilidades necessárias à sua realização como sujeito crítico dentro desta sociedade que se caracteriza pelo modo capitalista de produção. A avaliação diagnostica não se propõe e nem existe uma forma solta isolada. É condição de sua existência e articulação com uma concepção pedagógica progressista?

O autor afirma sobre a didática que se pode ter à respeito da avaliação do educando e o papel do educador nesse processo. Este tipo de avaliação objetiva planejar a vida educacional, através do planejamento e de sua ação educativa. E tendo como base o que pode acontecer antes e até mesmo depois da avaliação, visto que as consequências da avaliação são importantes para atingir a finalidade para qual ela é proposta. Ela pode ocorrer antes e durante o processo de ensino e da aprendizagem e tendo diferentes finalidades e apresenta elementos necessários para que a aprendizagem possa ser iniciada e o resultado seja alcançado.

O objetivo da avaliação diagnóstica é aproximar os alunos à realidade de toda aprendizagem. E também observar se os mesmos atingiram as perspectivas pedagógicas desse processo e depois descobrir os problemas relacionados à avaliação e as buscas necessárias de superação das dificuldades. Assim o educando poderá rever sua ação educativa para sanar possíveis problemas.

Sobre a avaliação formativa, esta se empenha mais sobre o dia a dia e tudo o que acontece na vida do aluno durante todo o ano em sala de aula e dentro da escola, ela está mais atenta aos anseios e desafios do aluno e também do professor e as metas a que se pretende chegar, avaliando cada etapa do processo ensino aprendizagem.

Por meio dela, na avaliação formativa, aluno conhece os seus erros e acertos e encontra motivação para um estudo mais organizado, e sabe que todas as etapas dentro do espaço escolar são observados, não para excluí-lo, mas para motivar sua aprendizagem.

Pellegrini (2002, p. 26) informa que:

No modelo a avaliação, a ênfase está no aprender, gerando uma mudança em todos os níveis educacionais: currículo, gestão escolar, organização de sala de aula, tipos de atividades e o próprio jeito de avaliar a turma. Na avaliação formativa não há como pressuposto ou premiação. Prevê que os estudantes possuem processo e ritmos de aprendizagem diferentes.

Seja qual for à avaliação formativa, ela tem por único fim reconhecer onde e em que o aluno sente dificuldade e procura informá-lo. Esta avaliação não se traduz em nota, nem muito menos em “scores”. Trata-se de um “feedback” para o aluno e para o professor.

Emitir um juízo de valor que sirva de base para ações futuras. Neste aspecto, Nerice (1992, p. 311) faz a seguinte consideração:

A avaliação é o processo de ajuizamento, apreciação, julgamento ou valorização do que o educando revelou ter aprendido durante um período de estudo ou de desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem. Pode-se dizer, então, que não se pode haver avaliação sem que antes tenha havido verificação. Verifica-se antes de avaliar. Uma prova, seja de que modalidade for, tem por objetivo fornecer dados sobre os quais se possam emitir um juízo de valor.

Para o autor, nesse caso, a avaliação não é apenas juíza ou julgar alguém, é antes de tudo, ação pedagógica em que as modalidades e os processos sejam para fornecer dados suficientes para a aprendizagem e o ensino. Nesse sentido a avaliação é um meio ou instrumento de controle da qualidade objetivando um ensino de excelência em todos os níveis de todos os cursos.

Em se tratando da avaliação somativa, ela classifica os alunos em bons ou ruins, sendo realizada sempre no final de uma etapa bimestral, semestral ou anual. Apesar de ser um instrumento importante, não deve ser uma proposta única de avaliação, pois em qualquer caso, mais importante do que avaliar, no sentido de classificar, é fazer acontecer o conhecimento para os alunos.

Hoje, ainda, classifica-se alunos. É modelo muito comum nas escolas públicas e privadas. No momento atual a classificação do aluno se processa segundo o rendimento alcançado, tendo por parâmetro os objetivos previstos e utilizando-se de alguns instrumentos.

Avaliação é um instrumento. Num sentido mais literário da palavra, isso é entendido como utensílio que permite apreender as coisas ou agir sobre elas. Nesse sentido, o

microscópio, por exemplo, é um instrumento de observação, de apreensão de ação terapêutica. Parece que o homem sempre buscou criar instrumentos para ampliar seus sentidos, tornando-os mais preciosos, mais palpáveis, enfim mais perceptíveis. Segundo os PCN's avaliar significa emitir um juízo de valor sobre a realidade que se questiona, ou seja, o propósito das exigências de uma ação que se projetou realizar consequências. Portanto, o ato de avaliar, numa perspectiva renovadora, significa analisar a eficiência de uma prática pedagógica de acordo com a realidade e a necessidade de cada atividade do fazer humano.

De acordo com Luckesi (1999, p. 43),

A avaliação que se pratica na escola é a avaliação da culpa, ainda, que as notas são usadas para fundamentar necessidades de classificação de alunos, onde são comparados desempenhos e não o que se deseja atingir.

A avaliação, no sentido de medir algo ou alguém, é ação ligada à noção classificar, ou seja, a ideia de que é possível conferir as aprendizagens escolares. A avaliação classificatória considera sempre exercícios, questionários, estudos dirigidos, trabalhos, provas, testes, entre outros. A grande proposta dela é colocar uma classificação ao aluno para fins de aprovação ou reprovação.

Continuando com Luckesi (op. cit. p. 43)

Para não ser autoritária e conservadora, a avaliação tem a tarefa de ser diagnóstica, ou seja, deverá ser o instrumento dialético do avanço, terá de ser o instrumento da identificação de novos rumos.

Assim um questionamento que fazemos, é se o aluno que é confiado pelos pais a uma escola, e que durante toda sua vida escolar é avaliado, consegue compreender a sociedade e ter uma visão crítica.

Nesse sentido buscam-se rever conceitos e repensar sobre a avaliação fazendo com que este repensar sobre o tema já propício para mudanças no aluno e principalmente à atuação do professor, pois queremos “colocar a serviço de uma pedagogia que entenda e esteja preocupada com a educação como mecanismo de transformação social”. (LUCKESI 1995, p. 28) A avaliação, nessa perspectiva classificatória, reduz-se a um momento final do processo de ensino aprendizagem, limitando-se a categorizar o aluno em termos de nota. Assim, pensar a avaliação de forma a superar sua visão estática e classificatória significa pensar no processo de ensino-aprendizagem como um todo, fazê-lo trabalhar a favor da permanência do aluno no sistema de ensino, buscando uma aprendizagem efetiva e significativa.

Evidentemente será sempre importante para o professor aprender a construir instrumentos um pouco mais preciso que permitam analisar o nível de competência e habilidades dos resultados e um processo avaliativo analisando também seu próprio desempenho.

Assim, na perspectiva de Tyler (apud SAUL, 1991, p. 105).

O processo avaliativo consiste, basicamente, na determinação do quanto os objetivos educacionais estão sendo atingido por programas curriculares e instrucionais [...] os objetivos visados traduzem certas mudanças desejáveis os padrões de comportamento do aluno, a avaliação e o processo destinado a verificar o grau em que essas mudanças comportamentais estão ocorrendo. [...] a avaliação deve julgar o comportamento dos alunos, pois o que se pretende em educação é justamente modificar tais comportamentos.

Para o autor a avaliação deve traduzir uma destinação mais plausível em que se considera mais o aluno do que mesmo a avaliação, sendo ela apenas um meio para se alcançar o conhecimento.

Tradicionalmente, a avaliação só restringia-se a verificação da aquisição de conceitos pelos alunos, mediante a aplicação de questionários os quais grande parte das questões era exigida com definição de significados. Por exemplo, o que é isso? Perguntas desse tipo são bastante inadequadas a alunos dos primeiros ciclos do ensino fundamental, pois não é possível elaborar respostas com o grau de generalização sugerido.

Outro frequente tipo de perguntas é aquelas que solicitam respostas extraídas diretamente dos livros, textos ou das lições ditadas pelo professor. O fato dos alunos responderem de acordo com o texto não significa que tenham compreendido o conceito ou questão.

Geralmente, esses sujeitos sabem muito pouco ou nada a respeito do porquê ou do para quê dessas avaliações. Tais situações resultam em imagens ameaçadas a respeito da utilização dos resultados da avaliação em seu cotidiano, totalmente a mercê de uma avaliação poderosa ou de uma administração burocrática. Os avaliadores vão deixando dúvidas e constrangimentos.

Luckesi (1998, p. 122) diz que é comum ouvir dos professores discursos:

Não aguento mais aqueles alunos, que por ser professor! Oh, estou nesta profissão porque não consigo outro emprego, meus alunos só servem para me aporrinhar a cabeça, meus alunos vão ver o que vou fazer com eles no dia da prova.

Neste sentido, a avaliação passa a ser um instrumento de punição dos estudantes, exclusão, instrumento de vingança, instrumento mediador de um campo de batalha que entre aluno/professor e professor/aluno, não uma ferramenta auxiliar de diagnóstico, ou *feedback*. Para o professor avaliar seu programa de ensino, planejamento, didática, dificuldades do aprendiz durante o processo ensino-aprendizagem. Neste contexto da avaliação, o que o professor faz é mensurar um momento, ou melhor, avaliar o desempenho do aluno em um dado momento de sua aprendizagem.

A avaliação de aprendizagem definida como uma das dimensões do papel do professor transformou-se numa verdadeira arma em instrução de controle que tudo pode. Através do uso exacerbado do poder, os professores sentenciam, reprovam em nome da disciplina, da ordem estas são características da chamada.

Domingues (1985, p. 49) afirma que:

Os professores transformaram a disciplina num verdadeiro ato de coação. Parecem utilizar a sua posição hierárquica para gerenciar autoritariamente o cotidiano da sala de aula. Nessa relação deve obedecer, em que o se subtraiu à participação do aluno, qualquer tenso é vista sempre como um sintoma de problema. A fim de eliminar o professor utiliza externo, seja de recompensa nota, a aprovação no final do ano seja de punição, reprovação, castigos.

Utilizando-se desses mecanismos o professor e, através dela a própria instituição escolar, acaba definindo de forma discriminatória o destino acadêmico do estudante, contribuindo para ajudar a seletividade do ensino.

Sobre o tema, Soares (1978, p. 49) analisa com bastante propriedade esse fato, destacando que a avaliação, sob uma falsa aparência de neutralidade e objetividade são os instrumentos por excelência de que lança mão do sistema de ensino para ao controle das oportunidades para dissimulação das desigualdades sociais, que ela oculta sob a fronteira com o natural conquistado. A utilização da avaliação nesse sentido não incrementa as oportunidades educacionais e sociais. Mas, ao contrário, restringe-as e orienta-as no sentido mais conveniente à manutenção da hierarquia social.

Há, sem sombra de dúvidas, a presença de uma relação autoritária no contexto da avaliação da aprendizagem quando interagem professores e alunos. Nessa mesma relação também estão outros alvos da avaliação como currículos, programas educacionais, cursos e instituições, os agentes educacionais, professores, alunos, administradores, pais.

A avaliação não deve ser motivo de discriminação nem de apelação para favorecer os considerados “intelectuais”, em detrimento dos “burros”. É meio de aprendizagem para todos.

Para Freire (2002, p. 36).

A avaliação dentro de uma visão de um mundo globalizado está cada vez mais desigualitária, principalmente com os que não tiveram oportunidades de estudar ou de fazerem cursos técnicos ou profissionalizantes, porém precisamos contribuir para criar a escola que é aventura, que marcha, que não tem medo do risco, em que se fala, em que se ama, em que se adivinha, a escola que apaixonadamente diz sim a vida.

A escola deve ser espaço de todos assim como deve ser a avaliação para que os envolvidos nesse processo não desistam de estudar por causa desse mecanismo, ela é igualitária, é para todos.

O aluno não deve ser medido pela quantidade de conteúdo que decorou, mas pela capacidade reflexiva com o que se dá com os conteúdos.

1.3 Significados da avaliação para professores, alunos e sociedade

A avaliação está diretamente ligada à aprendizagem do aluno e do professor. Ela não deve amedrontar a ninguém, caso contrário seria não um meio para a aprendizagem, mas um empecilho para tal. De uma forma bem geral, podemos inferir que quase tudo o que é feito na avaliação deveria ser pensado é para ajudar o aluno a aprender e não intimidá-lo para a aprendizagem. Alguns elementos poderiam ajudar a produzir processos de avaliação que ampliassem os conhecimentos a respeito da realidade, que trouxessem mais consistência e inspiração para planejar o futuro e que, sobretudo, intensificassem a aprendizagem das pessoas.

Para Vasconcellos (1999, p. 59):

A avaliação sempre fez parte do processo de ensino aprendizagem, pois o professor não pode propiciar a aprendizagem, a menos que esteja constantemente avaliando as condições de interação com seus educandos. Está relacionada ao processo de construção do conhecimento, que se dá através de três momentos: síntese, análise e síntese, pela avaliação, o professor vai acompanhar a construção das representações do aluno, percebendo onde se encontra (nível mais ou menos sincrético), bem como as elaborações sintéticas, ainda que provisórias, possibilitando a interação na perspectiva de superação do senso comum.

Para o autor a avaliação é parte de um processo, compreende como busca do conhecimento de resultados e para a transmissão de verdades mutáveis, nela a aprendizagem é considerada a soma das informações e é a análise da exatidão da produção do conteúdo

passado em sala de aula pelo professor. Os instrumentos de avaliação é um fim em si mesmo tendo a função de não apenas classificar os mais ou menos aptos, mas de ajudá-los em seus aspectos formativos.

O que se pode fazer é esperar uma avaliação numa perspectiva de transformação em que os resultados constituam parte de um diagnóstico e que, a partir dessa análise da realidade seja possível uma tomada de decisões sobre os vários aspectos da disciplina ou do conteúdo, fazendo superar os problemas encontrados, além disso, perceber a necessidade do aluno para que assim seja possível uma intervenção na perspectiva de ajudá-lo

A escola precisa fazer da avaliação um processo formativo, processual e contínuo, onde avaliar seja uma realidade dupla, em que o professor analisa a sua capacidade e provoca a construção dos aspectos cognitivos dos seus alunos e que os alunos possam também analisar aquisição da aprendizagem construída de forma significativa dada pelo professor, isso num pressuposto básico de estudo.

Na visão de Luckesi (1996):

Na avaliação inclusiva, democrática e amorosa não há exclusão, mas sim, diagnóstico e construção. Não há submissão, mas sim liberdade. Não há Medo, mas sim espontaneidade e busca. Não há chegada definitiva, mas. Sim Travessia permanente em busca do melhor. Sempre!

A avaliação é para todos, alunos e professores e gestores, e pais e todos os envolvidos nesse processo, por isso faz parte Projeto Político-Pedagógico da Escola, que é construído coletivamente, e norteado num planejamento disponível e acessível a todos, numa metodologia saudável de aprendizagem.

Ela não é entendida como exclusão, ou “tirar para fora”, pois seu objetivo maior é ser um instrumento de aprendizagem, um processo orientador e de interativo, constituindo como um desafio para que o professor possa tê-la como uma atividade não solitária, pois tem que ser compartilhada com os alunos, pais, professores e gestor escolar.

Tem sua importância porque é um processo contínuo, participativo, com função de diagnosticar e investigar as informações para poder proporcionar o redimensionamento da ação pedagógica e educativa, sempre organizando as ações futuras, no sentido de avançar no entendimento do processo de aprendizagem.

CAPÍTULO II: AVALIAÇÃO E SIGNIFICADOS

2.1 Tipos de avaliação: diagnóstica, somativa e formativa.

A avaliação envolve aprendizagem. O padrão comumente empregado para a avaliação da aprendizagem não passa de uma forma classificatória de enunciar o que cada aluno deveria, efetivamente, ter assimilado do conteúdo exposto pelo professor em um dado período letivo, a fim de concluir uma unidade do plano de ensino. Isso quer dizer que é parte da tendência e educação bancária em que o aluno repassa o que o professor ensinou.

Avaliar é democratizar o ensino e a aprendizagem e não deixar de promover aos alunos que estão na idade série, nem excluí-los do processo educacional. Se não houver promoção, não tem sentido a licenciatura de alguns professores, pois sabem que avaliar é acompanhar a caminhada do aluno naquele ano de ensino.

Assim, Luckesi, comenta:

Discutiremos a questão da avaliação do aluno relacionada à questão da democratização do ensino, perguntando se a atual prática da avaliação da aprendizagem escolar está a favor ou contra a democratização do ensino (Luckesi, 1995, p. 60.).

Para ele educar é democratizar, é fazer que todos participem da educação e sigam adiante em seus estudos e que as falhas sejam corrigidas no percorrer dos anos escolares. No ritmo se pode verificar a frequente incidência de tais momentos: a prática avaliativa se dá a partir do momento que um determinado conteúdo é dado como encerrado, e o professor na sua ‘saga de mestre’ tende a medir os frutos dos seus últimos esforços em tentar ensinar o que lhe é cabível. É nesse momento que se prepara o que poderíamos denominar de ‘instrumento avaliativo’.

Certamente, tal atitude pode trazer consequências desagradáveis e talvez até, por assim dizer, injustas. É neste contexto que o professor acaba por se servir de critérios e conteúdos não claramente expostos para produzir a avaliação da disciplina.

Outra coisa que pode ser discutida é que nem todos os alunos assimilam aquilo que em específico está sendo cobrado na avaliação, o que força-nos, mais uma vez, a pôr em dúvida esse sistema avaliativo.

Esses instrumentos de avaliação são cotidianamente construídos da seguinte maneira. Próximo do final da unidade de ensino, o professor formula o seu instrumento de avaliação, a partir de diversas variáveis: conteúdo que o professor

ensinou efetivamente; conteúdos que o professor não ensinou, mas que deu por suposto ter ensinado; conteúdos “extras” que o professor inclui no momento da elaboração do teste, para torná-lo mais difícil; o humor do professor em relação à turma que ele tem pela frente; a disciplina ou a indisciplina social desses alunos (Ibidem, p. 67).

Fala-se do momento em que se avaliam o que o professor passou em sala de aula e somente isso. Com esse método aplicado o professor parte para um segundo passo, que por vezes pode ser considerado o mais perigoso. O risco se encontra em quais critérios o professor utilizará para ‘avaliar a aprendizagem do aluno, visto que, na verdade, o produto de um teste, prova ou ainda trabalho de pesquisa, nem sempre reflete o que realmente fora assimilado pelo aluno.

Ainda, por vezes, se acrescentam ‘pontos a mais’ ou ‘pontos a menos’ ao aluno, a depender de sua conduta em sala de aula. Esses podem decorrer de condutas inteligentes em relação a matéria ensinada, podem decorrer de atitudes disciplinares, podem corresponder a condutas responsáveis ou não dos alunos etc. (Ibidem, p.68).

Para o autor as atitudes de avaliação não pode ser juízo de exclusão, mas oportunidade de aprendizagem e a atitude de liberação de conhecimento. Verifica-se que, não necessariamente, estes elementos estejam sendo observados nas práticas educativas, ao contrário, parece-nos que, em geral, há um obscurecimento acerca do que realmente devemos intencionar com a avaliação da aprendizagem.

O importante é trocar esse modelo por algo novo e diferente. A sugestão mais aceita cabível seria a transposição do modelo atual, que utiliza a avaliação classificatória, por um modelo diagnóstico de avaliação. Ou seja, substituí-lo por um modelo que permita averiguar em que estágio encontra-se o desenvolvimento de aprendizagem do discente, para que seja possível acompanhar as suas dificuldades, ajudando-o então a superá-las.

Mas, para que isso seja possível é indispensável que se tenha uma compreensão do que se trata realmente essa proposta, para que da sua aplicação não resultem consequências ainda maiores ou termine por ser ineficazes.

Em primeiro lugar, há que partir para a perspectiva de uma ‘avaliação diagnóstica’. Com isso, queremos dizer que a primeira coisa a ser feita, para que a avaliação sirva à democratização do ensino, é mudar a sua utilização de ‘classificatória’ para ‘diagnóstica’ (Luckesi, 1995, p. 64).

Para o autor, diagnosticar é mais que urgente, pois é possível ver as falhas e prosseguir adiante nos estudos. Essa ideia consiste em deixar de lado o modelo atual, que se preocupa simplesmente em classificar e, então, aprovar ou não os discentes. O processo poderia

favorecer um maior desenvolvimento do senso autocrítico do discente proporcionando a apropriação conjunta, educador e educando, do aproveitamento e progresso de sua formação educacional.

Desse modo, a avaliação não seria tão-somente um instrumento para a aprovação ou reprovação dos alunos, mas sim um instrumento de diagnóstico de sua situação, tendo em vista a definição de encaminhamentos adequados para a sua aprendizagem (Luckesi, 1995, p. 81.).

Avaliar, para Luckesi não é, portanto, jogar para fora os que deveriam está dentro da escola. Em qualquer situação é preciso incluir e não excluir. Esse processo quer, antes de tudo, provocar o senso crítico dos alunos, para que, ao apropriarem-se dos conhecimentos, de fato, haja não uma simples assimilação, mas sim um desenvolvimento de habilidades necessárias a sua realização como sujeito crítico frente à realidade social.

Isso não é simples quanto se ver, visto que é preciso compreendê-lo e realizá-lo a partir de uma concepção pedagógica e da ação da escola e, assim sendo, não colocá-lo como único fator determinante para a aprovação ou reprovação, mas como auxiliar do processo como um todo. Desse modo pode-se, então, entender a avaliação diagnóstica como articuladora dos demais princípios da avaliação, tais como: a função da avaliação, leitura dos resultados obtidos, elaboração e utilização de instrumentos avaliativos e assim por diante.

Para que a avaliação diagnóstica seja possível, é preciso compreendê-la e realizá-la comprometida com uma concepção pedagógica [...] a avaliação diagnóstica não se propõe e nem existe de uma forma solta e isolada. É condição de sua existência a articulação com uma concepção pedagógica progressista (LUCKESI 1995, p. 82.).

O autor afirma que a avaliação é entendida e aplicada dentro de um processo pedagógico, isto é, sempre com objetividade e determinada para o crescimento da ação de conduzir o homem para o mais e melhor. Essa articulação apresenta-se tanto no âmbito discente, que assim pode notar o seu crescimento, motivando-se então diante dos seus propósitos, como no do docente que, juntamente com a instituição, poderá rever a sua ação pedagógica educacional.

2.2 Instrumentos de avaliação

Segundo Luckesi (1996), a avaliação é um julgamento sobre uma realidade concreta ou sobre uma prática, à luz de critérios claros, estabelecidos prévia ou concomitantemente, para tomada de decisão. Desse modo, três elementos se fazem presentes no ato de avaliar: a

realidade ou prática julgada, os padrões de referência, que dão origem aos critérios de julgamento, e o juízo de valor.

Segundo Paulo Freire “*a avaliação não é o ato pelo qual A avalia B. É o ato por meio do qual A e B avaliam juntos uma prática, seu desenvolvimento, os obstáculos encontrados ou os erros ou equívocos porventura cometidos. Daí o seu caráter dialógico*”.

Antes de mais nada, Ire, penso que deveríamos entender o diálogo não como uma técnica apenas que podemos usar para conseguir bons resultados. Também não podemos, não devemos entender o diálogo como uma tática que usamos para fazer dos alunos nossos amigos. Isso faria do diálogo uma técnica para a manipulação, em vez de iluminação. Ao contrário, o diálogo deve ser entendido como algo que faz parte da própria natureza histórica dos seres humanos. É parte de nosso progresso histórico, do caminho para nos tornarmos seres humanos. (...) o diálogo é o momento em que os humanos se encontrem para refletir sobre sua realidade tal como a fazem e re-fazem. (SHOR, FREIRE, 1986, p. 122-123)

O termo diálogo, por exemplo, pode significar simplesmente conversa, não querendo, contudo, dizer que haja entendimento entre as pessoas que conversam, mas pode ser a linha norteadora de uma avaliação mediadora que provoca um sentimento de possibilidade de aprendizagem tanto para professores, quanto para alunos.

É possível haver tempo para conversar com todos os alunos de todas as turmas, sobre todas as questões que levantam.

Da mesma forma, dialogar tem o significado também de estar junto a, caminhar junto de. E isto exigiria igualmente do professor maior tempo com seus alunos. Isso é uma visão de conhecimento positivista.

Através do diálogo, entendido como momento de conversa com os alunos, o professor despertaria o interesse e a atenção pelo conteúdo a ser transmitido. O que significa que tanto o acompanhamento quanto o diálogo, assim concebidos, conduziriam o professor, obrigatoriamente, a uma prática avaliativa mediadora.

O Projeto Político-Pedagógico da escola deve ser elaborado coletivamente, e expor a visão acerca da missão da unidade escolar, direcionando os critérios através dos quais as práticas docentes que estão sendo desenvolvidas, sejam avaliadas. A avaliação não é um julgamento de valor apenas acerca do aluno, mas também acerca da prática docente, que tem como resultado o desempenho do aluno.

Como foi dito, a avaliação não é um processo apenas técnico, é um procedimento que inclui opções, escolhas, ideologias, crenças, percepções, posições políticas, vieses e representações, que informam os critérios através dos quais será julgada uma realidade. A avaliação do aproveitamento de alunos, por exemplo, pode basear-se em critérios reduzidos,

apenas à memorização de conteúdos, ou pode basear-se em critérios que visem ao crescimento pessoal dos alunos, no que diz respeito às suas atitudes, liderança, conscientização crítica e cidadã. Esses critérios se originam de opiniões acerca do que se entende por educação, e vão direcionar o julgamento de valor acerca do desempenho daqueles alunos.

Quando um professor dá uma explicação sobre um conteúdo, e, no entanto, nos instrumentos de avaliação que ele elabora, propõe exercícios que abordam aspectos e habilidades referentes à matéria que não foram trabalhados, o aluno sente-se “perdido”, sem ter um caminho a seguir, uma reflexão que possa fazer acerca daquela matéria.

O educador deve ter uma posição de não neutralidade envolvida na escolha dos critérios para o julgamento de valor e na escolha daquilo que se deseja julgar, a avaliação, como dissemos anteriormente, envolve mais do que uma simples contemplação. Ela requer tomada de decisão.

Conforme Luckesi (1996), sendo o juízo satisfatório ou insatisfatório, temos sempre três possibilidades de tomada de decisão: continuar na situação em que nos encontramos, introduzir mudanças para que o objeto ou situação se modifique para melhor ou suprimir a situação ou objeto.

Infelizmente, algumas tomadas de decisão partindo de critérios que limitam o processo educativo a aulas expositivas, de linguagem pouco clara para os educandos, e, que restringem a avaliação a apenas um momento final, partindo de um único instrumento, homogêneo, tendem a optar pela “supressão” do educando direta ou indiretamente, através de sua reprovação.

Concebe-se a aprendizagem avaliativa entre professor e aluno do ponto de vista comportamentalista, o professor define como uma modificação de comportamento produzida por alguém que ensina em alguém que aprende. O conhecimento do aluno vem dos objetos e cabe ao professor organizar os estímulos com os quais o aluno entrará em contato para aprender.

A prática pedagógica consistirá, então, na transmissão clara e explícita dos conteúdos pelo professor, apresentando exemplos preferentemente concretos (organização de estímulos). Essa situação, por si só, promoverá a aprendizagem, desde que o aluno entre em contato com tais estímulos, esteja atento às situações. Assim, se o professor oferecer explicações claras, textos explicativos consistentes e organizar o ambiente pedagógico, o aluno aprenderá, exceto se não estiver presente, ou não estiver atento às explicações, ou não memorizar os dados transmitidos pelo professor, ou não cumprir as tarefas de leitura solicitadas.

Assim como supervaloriza as informações que transmite ao aluno e exige que ele permaneça alerta a tais informações, o professor também o toma como seu objeto de conhecimento, ou seja, permanece atento aos "fatos objetivos": o aluno passa a ser um objeto de estudo do professor, que o capta apenas em seus atributos palpáveis, mensuráveis, observáveis. Sua prática avaliativa revela intenções de coleta de dados em relação ao aluno, dele registrando dados precisos e fidedignos.

Dessa forma, o professor não assume absolutamente a responsabilidade em relação ao fracasso do aluno. Em primeiro lugar, porque representaria assumir sua incompetência na organização do trabalho pedagógico, uma apresentação inadequada de estímulos à aprendizagem.

Em segundo lugar, porque aquilo que faz geralmente se traduz em resultados positivos. Ou seja, alguns alunos, ou a maioria, aprendem. Se a ação produz modificação de comportamentos em alguns alunos, então o problema está nos alunos e não na ação do professor. Sem ultrapassar a visão comportamentalista de conhecimento, nenhuma outra hipótese é levantada pelo professor sobre as dificuldades que os alunos apresentam, senão a sua desatenção e desinteresse. Em terceiro lugar, porque, coerente com tal visão de conhecimento, o avaliar reduz-se, para ele, à observação e ao registro dos resultados alcançados pelos alunos ao final de um período. Tal visão não absorve uma perspectiva reflexiva e mediadora da avaliação.

A avaliação, enquanto relação dialógica, vai conceber o conhecimento como apropriação do saber pelo aluno e também pelo professor, como ação-reflexão-ação que se passa na sala de aula em direção a um saber aprimorado, enriquecido, carregado de significados, de compreensão. Dessa forma, a avaliação passa a exigir do professor uma relação epistemológica com o aluno - uma conexão entendida como reflexão aprofundada a respeito das formas como se dá a compreensão do educando sobre o objeto do conhecimento.

O confronto que se passa na sala de aula não se passa entre alguém que sabe um conteúdo (o professor) e alguém que não sabe (o aluno), mas entre pessoas e o próprio conteúdo, na busca de sua apropriação. (CHAUÍ, 1980, in: WACHOWICZ, 1991, p. 42).

Se o aluno é considerado um receptor passivo dos conteúdos que o docente sistematiza, suas falhas, seus argumentos incompletos e inconsistentes não são considerados senão algo indesejável e digno de um dado de reprovação.

Contrariamente, se introduzimos a problemática do erro numa perspectiva dialógica e construtivista, então o erro é fecundo e positivo, um elemento fundamental à produção de

conhecimento pelo ser humano. A opção epistemológica está em corrigir ou refletir sobre a tarefa do aluno. Corrigir para ver se aprendeu reflete o paradigma positivista da avaliação. Refletir a respeito da produção de conhecimento do aluno para encaminhá-lo à superação, ao enriquecimento do saber significa desenvolver uma ação avaliativa mediadora.

Desse modo, o educador de hoje, deve repensar acerca dos seus critérios de avaliação, acerca da necessidade de construir políticas e práticas que considerem essa diversidade e que estejam comprometidas com o sucesso e não o fracasso escolar.

2.3 Avaliação e Sociedade

Tanto a sociedade usa a avaliação para diagnosticar seus serviços e atingir objetivos, como ela mesma percebe a avaliação que acontece dentro do espaço escolar.

A avaliação acontece em outros lugares fora da escola. Em muitas instituições, a avaliação é vista como um instrumento de aprendizagem e de mediação para se chegar a alguns objetivos definidos.

Ela, dentro das instituições e em qualquer seguimento social, é de fundamental importância, pois é um processo que facilita a participação efetiva da comunidade, e assegura uma autoanálise. As instituições, hoje, por exemplo, aproveitam a avaliação para repensar e viabilizar planos de ação que impliquem em mudança e desenvolvimento.

Outro objetivo fundamental da avaliação explicita a natureza do processo que é a necessidade de potencializar e desenvolver as pessoas da instituição e, conseqüentemente a própria instituição.

O próprio ato de avaliar é um momento intencionalmente pedagógico dos recursos humanos, tomando-se como referência, e alcançando a análise para assim se desenvolver e buscar a excelência.

A sociedade participa da escola, através da família, do estado, dos amigos da escola, e outros mais. Por isso mesmo há quem se interesse também pela maneira como a escola avalia seus alunos.

A concepção que a sociedade tem de vida e das coisas é a mesma concepção que ela tem sobre a avaliação. Se, por exemplo, os pais de alunos são responsáveis com seus filhos e têm objetivos definidos para seus filhos, e querem participar da escola, eles também participam da avaliação dos filhos a partir do momento em que os acompanham em seus estudos. Se os pais não têm interesse nenhum, só vão à escola no final do ano para saber dos resultados, assim não participam da avaliação contínua de seus filhos.

Uma sociedade autoritária gosta de avaliação autoritária. Uma sociedade democrática gosta de avaliação democrática. Num país onde existiu a ditadura, provavelmente as avaliações serão de classificação e de exclusão.

No Brasil, um País constitucionalmente democrático, a concepção que rege a avaliação é determinada pela LDB (1996) que regulamenta a avaliação como qualitativa e processual contínua. Isso pelo menos é o que rege a legislação. Na prática, nos espaços da sala de aula, ainda se vê a avaliação como classificatória e excludente, em que se coloca um conteúdo para o aluno e ele responde de forma repetitiva. Porém já se observa também a avaliação como mediação de resultados em que todos os envolvidos na escola participam desse processo ensino aprendizagem.

As ações de todas as pessoas envolvidas no processo de avaliação sejam elas alunos, família ou profissionais da educação são direta e indiretamente influenciadas pela sociedade capitalista na qual se vive.

No final do século XIX o capitalismo sofreu sua primeira crise. Não havia demanda de produtos industrializados e existiam as lutas dos trabalhadores que se organizaram em sindicatos e associações; e houve também um investimento na tecnologia e na produção. Tudo isso segue o modelo de produção taylorista e fordista, baseando sua produção em série e padronizada, como consequência houve a fragmentação do processo.

E ainda controlava a maneira de pensar, sendo de forma racionalista e positivista, valorizando o progresso, contribuindo com isso para a alienação do trabalhador.

Todas essas práticas permanecem presentes no modelo de avaliação encontrado nas escolas hoje, mesmo tendo a sociedade passado pelo modelo de produção flexível, ao final do século XX.

Se a escola assume um processo de avaliação que atribui uma nota, como se a avaliação fosse um processo isolado de todo caminho percorrido pelo aluno na construção do conhecimento, faz o aluno assumir a postura de passivo, ou seja, aquele que tudo realiza sem questionar.

A sociedade já não aceita mais a escola avaliando apenas de forma excludente. Ela deve também preparar a sociedade para se preparar para novos modelos de avaliação. A sociedade ajuda a escola e a escola ajuda a sociedade a se organizarem em prol de uma educação (e da avaliação) que valorize mais o sujeito do que o objeto chamado avaliação.

Uma instituição que se proponha viver um processo de Avaliação precisará planejar as etapas deste método a fim de alcançar suas metas, tendo sempre preparação, elaboração do

projeto; de organização do processo; de condução do processo; resultados e informes; validação; plano de ações e tomada de decisões em uma lógica permanente.

Os problemas da avaliação na sociedade estão vinculados à falta de capacitação, de preparação adequada da equipe que avalia; à centralidade do processo na formulação de um diagnóstico que não se reverte em implementação de mudanças e desenvolvimento institucional; à crença de que os questionários são um instrumento que assegura a participação, o que não tem sido demonstrado em seus resultados; resultados sem continuidade, sem validação de pares externos. A sociedade pode utilizar de diferentes instrumentos para coleta e análise dos dados e informações e isso deve ser feito sempre com o intuito de organizar melhor os espaços sociais para o desenvolvimento deles

CAPÍTULO III - AVALIAÇÃO COMO INSTRUMENTOS DE INCLUSÃO SOCIAL E DE SOCIALIZAÇÃO

3.1 Os avanços da avaliação na atualidade

A cada dia a avaliação sofre transformações e tem mudanças, tanto na sala de aula, quanto em outros grupos sociais onde ela é possível. Muitos desses avanços são da atualidade, mas já começaram nos séculos passados, por causa da importância que se dar ao processo ensino aprendizagem e especificamente sobre avaliação.

No Brasil, com a formação educacional adquirida dos jesuítas e depois do início da república, a avaliação teve um enfoque mais de classificação e exclusão, considerando apenas o elemento em si mesmo, sem valorizar a sua integração junto ao processo ensino aprendizagem. Depois, professores e alunos entenderam outra concepção da avaliação, como um processo de conjunto.

Assim, todos os envolvidos na educação e na escola, entenderam que a avaliação é mais que julgamento e que família, gestores, estado, comunidade e outros são responsáveis pela avaliação que acontece na escola.

Importa dizer que o avanço mais esperado e que aconteceu na escola em se tratando de avaliação, foi a possibilidade de não só o aluno ser avaliado, mas professores, diretores, e até mesmo a escola.

E o professor é o facilitador desse processo e dessa realidade, sabendo que a sua sensibilidade e seu bom senso serão fundamentais para acompanhar a vida educacional do aluno no seu tempo educacional, e por toda a sua vida.

Mesmo assim, com todos os avanços, ainda se vê professores sem compromissos e sem cuidados com seus alunos, pensando só em reprovação e julgamento dos seus discentes e sem transparência em seus métodos, agindo com agressividade e impedindo que a aprendizagem aconteça na vida dos alunos.

Os professores precisam entender que a escola é importante para todos, alunos e professores e que a educação acontece de forma contínua, assim como é a avaliação.

Para que isso aconteça não é possível impedir que as oportunidades sejam negadas aos alunos e que os recursos de avaliações sejam manifestados para qualquer aluno e em qualquer lugar, para que os mesmos se sintam motivados a prosseguir em sua vida educacional, com objetivos claros e definidos para seus anseios pessoais.

Os avanços da avaliação ainda são pequenos sobre o que se pretende acontecer no mundo escolar, e professores, alunos, escola, gestores, comunidade, todos são importantes nesse processo e, assim, todos avaliam e são avaliados.

Os conceitos sobre avaliação têm mudado nessas últimas décadas, com forte teor para a concepção contínua e qualitativa, porém sua prática ainda é tradicional e não tem acompanhado esses avanços, algo que tem gerado distorções e mau entendimento dos métodos dos resultados. Por isso é importante a capacitação dos educadores sobre os padrões da verdadeira avaliação em termos de viabilidade de promoção de sua verdadeira transformação.

3.2 Avaliação como Instrumento de Socialização

Socializar é viver junto à sociedade, isso é por processo, segundo o qual ao percurso de toda a vida a pessoa humana aprende e os elementos sociais e culturais de sua realidade, sempre interagindo na estrutura e na sua personalidade, a partir do alcance das experiências nos contatos sociais.

Para LUCKESI (1998, p.30) “*o modelo social conservador e suas pedagogias respectivas permitem e procedem renovações internas ao sistema, mas não propõem e nem permitem propostas para sua superação*”, isso quer dizer que o sistema implantado na sociedade é dominante, e por esse meio a avaliação pretende repetir esse modelo de dominação.

A escola é um espaço de todos, ela pode e deve acolher qualquer que seja a pessoa para se engajar no seu processo educacional. E os professores têm a responsabilidade de representar as ordens sociais e os valores da sociedade para garantir a todos os matriculados a oportunidade de igualdade e de apoio para que estes revelem as suas capacidades, e aprendam a conviver em sociedade, com êxito em qualquer área de sua vida.

Ninguém melhor que a escola para socializar; nela as crianças experimentam um sistema organizado, sistematizado e com busca de realização individual, e com a incumbência da aceitação das regras de competição próprias da estrutura.

A escola socializa para várias oportunidades, tanto para a aprendizagem que prepara para o mercado de trabalho, para a formação ética e moral e para valorização de atitudes de independência e individualismo, pois cada um deve ser avaliado em relação a suas próprias capacidades, uma vez que as expectativas quer do ensino superior, quer dos empresários, são as de que se possa exatamente o que cada um é capaz de fazer por si próprio.

A escola socializa para várias oportunidades, é algo que precisa ser pensado pelo Projeto Político Pedagógico da Escola, com todo o coletivo: os que ensinam, e aprendem, a gestão, família, comunidade. Especificamente os que estão dentro do espaço escolar, facilitando a todos a cumprir com suas responsabilidades.

Ela precisa proporcionar as oportunidades para que os alunos vivenciem e convivam juntos, cooperando uns com os outros, de forma a preparar os alunos para além da escola, sendo que ela vai sempre montar os indivíduos para o futuro, para que cada um saiba assumir suas responsabilidades e desempenho das suas tarefas.

A avaliação surgiu da construção da escola e dos projetos, tanto na escola quanto na educação no geral. Seu conceito não pode ser mais compreendido como classificação ou meio de excluir alunos através, da reprovação. Já se fala hoje em avaliação de qualidade e processual contínua.

Mesmo hoje é muito difícil avaliar, porque se trata de acompanhar vidas humanas que precisam se entender nos espaços sociais. Avaliar é entender que o trabalho coletivo resolve melhor as dificuldades, tanto dos alunos, quanto dos professores, nos seus trabalhos de grupo ou em considerar que os produtos coletivos desses trabalhos possam ser determinantes para a aprendizagem.

Tudo deve ser avaliado, desde a entrada da escola, até o potencial de trabalho de cada; desde o espaço físico, até a presença e postura de professores na escola. Não fica nada sem passar por essa mediação, sem classificação, na certeza que os resultados são para melhor

desenvolver a aprendizagem do aluno e de todos os que fazem a escola, para que todos possam assumir mais qualitativamente sua responsabilidade.

Compreendendo a avaliação um dos processos pedagógicos mais importantes, pode-se dizer que a escola tem um mecanismo muito útil para a aprendizagem e assim é possível avaliar sem excluir e com a intenção de adiantar os alunos não só nas séries curriculares, mas em todo o seu processo de aprendizagem.

Sendo assim, todas as formas ou modalidades de avaliação terão fortes chances de socializar os indivíduos em escolarização, porém nem todas serão igualmente organizacionais; as formas de avaliação das escolas tradicionais já não mais proporcionam a produção de aprendizagem, nem mesmo constroem conhecimentos, há a necessidade na mudança de paradigma para que o funcionamento da escola tenha objetivos mais definidos para incluir mais alunos nesse processo tanto do ensino quanto da aprendizagem.

3.3 Os avanços da avaliação no século XXI

A avaliação nos dias atuais é entendida pela maioria dos alunos, inclusive por professores, como a aplicação de prova e exame. Ao longo da História da Educação no Brasil, especificamente sobre Avaliação, esse elemento do processo ensino aprendizagem já foi compreendido, estudado e aplicado de diversas maneiras.

Esse se mostra extremamente contraditório com as funções da escola. Ela é um processo necessário burocraticamente, tendo que ser traduzida por notas, conceitos ou menções. Muitos educadores se detêm a formas tradicionais que na maioria das vezes inibem o aluno e o avaliam apenas no momento presente, neste caso ocorre ao julgamento sobre sucessos ou fracassos do aluno, mediante notas ou conceitos.

Muitas vezes a avaliação serve para discriminar, marginalizar, achar culpados, conseguir silêncio em sala de aula, incentivar a competição, classificar mas é necessário estar atento às individualidades, cada educando é único e traz consigo problemas que interferem na avaliação, bem como na aprendizagem. Para que a avaliação sirva à aprendizagem é essencial conhecer cada aluno e suas necessidades, assim o professor poderá pensar em caminhos para que todos alcancem.

A cada dia a avaliação sofre transformações e tem mudanças, tanto na sala de aula, quanto em outros grupos sociais onde ela é possível. Muitos desses avanços são da atualidade,

mas já começaram nos séculos passados, por causa da importância que se dar ao processo ensino aprendizagem e especificamente sobre avaliação.

No Brasil, com a formação educacional adquirida dos jesuítas e depois do início da república, a avaliação teve um enfoque mais de classificação e exclusão, considerando apenas o elemento em si mesmo, sem valorizar a sua integração junto ao processo ensino aprendizagem. Depois, professores e alunos entenderam outra concepção da avaliação, como um processo de conjunto.

Assim, todos os envolvidos na educação e na escola, entenderam que a avaliação é mais que julgamento e que família, gestores, estado, comunidade e outros são responsáveis pela avaliação que acontece na escola.

Importa dizer que o avanço mais esperado e que aconteceu na escola em se tratando de avaliação, foi a possibilidade de não só o aluno ser avaliado, mas professores, diretores, e até mesmo a escola.

E o professor é o facilitador desse processo e dessa realidade, sabendo que a sua sensibilidade e seu bom senso serão fundamentais para acompanhar a vida educacional do aluno no seu tempo educacional, e por toda a sua vida.

Mesmo assim, com todos os avanços, ainda se vê professores sem compromissos e sem cuidados com seus alunos, pensando só em reprovação e julgamento dos seus discentes e sem transparência em seus métodos, agindo com agressividade e impedindo que a aprendizagem aconteça na vida dos alunos.

Os professores precisam entender que a escola é importante para todos, alunos e professores e que a educação acontece de forma contínua, assim como é a avaliação.

Para que isso aconteça não é possível impedir que as oportunidades sejam negadas aos alunos e que os recursos de avaliações sejam manifestados para qualquer aluno e em qualquer lugar, para que os mesmos se sintam motivados a prosseguir em sua vida educacional, com objetivos claros e definidos para seus anseios pessoais.

Os avanços da avaliação ainda são pequenos sobre o que se pretende acontecer no mundo escolar, e professores, alunos, escola, gestores, comunidade, todos são importantes nesse processo e, assim, todos avaliam e são avaliados.

Os conceitos sobre avaliação têm mudado nessas últimas décadas, com forte teor para a concepção contínua e qualitativa, porém sua prática ainda é tradicional e não tem acompanhado esses avanços, algo que tem gerado distorções e mau entendimento dos métodos dos resultados. Por isso é importante a capacitação dos educadores sobre os padrões

da verdadeira avaliação em termos de viabilidade de promoção de sua verdadeira transformação.

METODOLOGIA

O método usado nesse estudo para atingir aos objetivos foi especificamente didático bibliográfico, pois se firmou nos esboços de textos de diversos autores renomados conhecedores do tema, a saber, FREYRE, Paulo; FREITAS, L. C; HOFFMANN, Jussara Maria Lerch; LUCKESI, Cipriano; PERRENOUD, Phillipe; ROMÃO, José Eustáquio; SOARES, Magda; VASCONCELLOS, Maura Maria Morita, entre outros, através de leitura da matéria proposta. Também, foram feitas, durante a realização desse estudo, pesquisas diversas, na Internet, textos, e interação com os professores de diversas escolas, além da experiência nos anos iniciais como docente no ensino Fundamental. Para realização deste projeto foi necessária muita leitura para compreensão do que, como fazer e para que serve a Avaliação nos anos iniciais. Utilizando pesquisas bibliográficas e experiências vividas em sala de aula organizaram-se as ideias e descreveu-se um texto retratando sobre esse tipo de estudo.

Esse estudo tem por objetivo definir uma linha de um posicionamento acerca da avaliação, especificamente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, em que nos primeiros anos não há retenção de alunos e mesmo assim o processo avaliativo se configura. Entre estudiosos do tema, se perceberá uma interminável discussão, seja pelo monopólio da verdade, seja pela tentativa da precisão do conceito, o que fez surgir consequentemente uma variação conceitual muito grande. Tenta abranger a avaliação em seus diversos

Toda a pesquisa foi bibliográfica, e se fundamenta em autores, livros e assuntos seguintes: LDB 9394/96. Lei de Diretrizes e Bases da Educação, de 23 de dezembro de 1996; Paulo Freire, nos estudos sobre *Pedagogia do Oprimido*; Freitas, que organiza uns estudos sobre *Avaliação: construindo o campo e a crítica*; Maria Jussara Hoffmann, com *Contos e Contrapontos: do pensar ao agir em avaliação*; Cipriano Luckesi, desenvolvendo a *Avaliação da aprendizagem escolar; otimização do autoritarismo*; Phillipe Perrenoud, numa abordagem da *Avaliação: da excelência a regulação das aprendizagens – entre duas lógicas*; Magda B Soares, *Avaliação educacional e clientela escolar*; e outros que desenvolvem estudos na área.

Há uma necessidade de se trabalhar esse tema, visto que faz parte do processo ensino aprendizagem e como tal precisa chegar ao conhecimento do aluno e do professor, não apenas como teoria, mas como parte da ação educativa.

Ao longo do curso estudei diversos autores, já citados, sobre o tema “Avaliação” e vi que era por essa vertente que seguiria o meu trabalho monográfico. Inicialmente fui

adquirindo os livros, conhecendo os autores e pesquisando sobre os mestres desse assunto. Depois de diversos estudos delimitei o tema para o Ensino Fundamental, especificamente nos anos iniciais em que a avaliação passa da ótica de classificatória, de notas, para o acompanhamento de habilidades diversas dos alunos.

Todo o trabalho vai conceituar o significado, tipos e ferramentas da avaliação, além de desenvolver a importância do tema para a inclusão social na escola e fora dela. O desenvolvimento do trabalho não esgotará os estudos que vão prosseguir sobre a temática, e ajudará a todos a compreenderem que avaliar é fazer crescer o aluno e será compreendida como instrumento de socialização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão da avaliação é amplamente discutida e abordada em todos os seguimentos externos e internos da escola. Nos últimos anos, as escolas buscam constantemente redefinir e ressignificar o seu papel e a sua função social. Elas estão elaborando o seu projeto educativo para nortear as práticas educativas e consequentemente, a avaliação.

A avaliação não é isolada do processo de ensino-aprendizagem. Reflete a unidade objetivo – conteúdo - métodos: a avaliação é parte integrante do processo, não as atividades isoladas; ajuda a desenvolver a capacidade e habilidades; todas as atividades concorrem para o desenvolvimento intelectual, social moral dos alunos; possibilita a revisão do plano de ensino: levantamento das condições prévias dos alunos para iniciar nova matéria; volta-se para a atividade dos alunos; é, o mais possível objetiva é capaz de comprovar os conhecimentos assimilados; ajuda na auto percepção do professor: é um termômetro para o professor.

Nesse trabalho bibliográfico buscou-se uma definição de um posicionamento a cerca da avaliação. Entre estudiosos do tema, percebe-se uma interminável discussão, seja pelo monopólio da verdade, seja pela tentativa da precisão do conceito, o que fez surgir consequentemente uma variação conceitual muito grande.

Em cada conceito de avaliação subjaz uma determinada concepção de educação. Na questão específica da avaliação da aprendizagem, a escola encontra-se diante de duas correntes resultantes de concepção antagônicas, pautadas, é claro, nos modelos de sociedade: a liberal e a social democrática.

A presente monografia, portanto, contemplou algumas possibilidades teóricas direcionadas ao estudo do maravilhoso fenômeno da avaliação e de seu desenvolvimento, de modo interdisciplinar e necessário para iniciar estudos com o marco teórico que volta um olhar mais dinâmico sobre o tema. Nesse sentido, espera-se fomentar algumas reflexões sobre o tema investigado.

Constatou-se que o professor é importante frente à avaliação e que a sua visão de mundo e de escola e de avaliação cooperará para que os alunos prossigam sem sua caminhada educacional

Sabe-se, portanto que o professor precisa associar outros elementos ao processo de avaliação sem que possa fixar a ideia que avaliar é apenas fazer provas. Almeja-se, assim, que por meio dessa provocação, possa se compor redes de relacionamentos científicos capazes de

desafiar o educador e a educadora a desenvolver tais estudos em sala de aula e na sociedade para que a avaliação seja mais efetiva e inclusiva.

REFERÊNCIAS

BRASIL, LDB 9394/96. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**, de 23 de dezembro de 1996.

CHALITA, G. (2001). **Educação: a solução está no afeto**. 6. ed. São Paulo: Gente.

DOMINGUES, J. J.; TOSCHI, N. S.; OLIVEIRA, J. F. de. **A reforma do Ensino Médio: A nova formulação curricular e a realidade da escola pública**. Educação & Sociedade, n. 70, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v21n70/a05v2170.pdf>>. Acesso em: 20 fevereiro de 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido** Rio de Janeiro, paz e Terra 1977.

FREITAS, L. C. de. (org.) **Avaliação: construindo o campo e a crítica**. Florianópolis: Insular, 2002.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Contos e Contrapontos: do pensar ao agir em avaliação**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

_____. Uma visão construtiva do erro. In: _____. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. Porto Alegre: editora Mediação, 2014. p. 61-86.

_____. Por que corrigir, professor? In: _____. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. Porto Alegre: editora Mediação, 2014. p. 87-113.

LUCKESI, Cipriano. **Avaliação da aprendizagem escolar**. Editora: Cortez, 2003;

_____. Cipriano C. **Avaliação; otimização do autoritarismo**. Rio de Janeiro, ABT, 1984.

MORAES, Dirce Aparecida. Prova: instrumento avaliativo a serviço da regulação do ensino e da aprendizagem. **Revista Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, v. 22, nº 49, p. 233-258, maio/agos. 2011. Disponível em:

<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/eae/article/view/1975/1951>

MOREIRA, Simone Araujo; Rangel, Mary. A correção como processo avaliativo: diferentes percepções em diálogo. **Revista Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, v. 26, n. 62, p. 520-540, maio/ago. 2015. Disponível em:

<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/eae/article/view/2764/3071>

NERICI, Inúcleo Giusepe. **Introdução à Didática Geral** - 15ª ed., São Paulo: Atlas, 1985

PERRENOUD, Phillipe. **Avaliação: da excelência a regulação das aprendizagens – entre duas lógicas**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas sul, 1999.

PRADO, Luis Regis; CARVALHO, Érika Mendes de. **Teorias da Imputação Objetiva do Resultado**: uma aproximação crítica a seus fundamentos. São Paulo: RT, 2002.

ROMÃO, José Eustáquio. **Avaliação dialógica**. Ed. Cortez, São Paulo: 1998.

SOARES, Magda B. **Avaliação educacional e clientela escolar**. In: PATTO, Maria Helena S., org. Introdução à psicologia escolar. São Paulo, T.A. Queiroz, 1981. p. 4753.

SOUZA, Sandra Z. **Avaliação do rendimento escolar**. Campinas, Papirus, 1991.

TYLER, R. W. **Princípios básicos de currículo e ensino**. Porto Alegre: Globo. 1974. p. 119.

VASCONCELLOS, Maura Maria Morita. **Avaliação e ética**. Londrina: Ed. Uel, 2002.

VASCONCELLOS, Celso. **Planejamento. Projeto de Ensino- Aprendizagem e Projeto Político Pedagógico**. Cadernos Pedagógico da Libertad- 1. São Paulo, 2000.